

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 3º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **POESIA NO SIMBOLISMO / CANÇÃO**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro Nascimento

Conteudistas

Simone Lopes

Vanessa Britto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013

O QUE ENSINAR?

LEITURA

- Estabelecer relações entre a estética parnasiana e os conceitos da Belle Époque e da Art Nouveau.
- Reconhecer o ideal estético da arte pela arte em contraposição à análise objetiva da realidade.
- **Reconhecer na estética simbolista traços da tendência pessimista do “fim do século”.**
- **Reconhecer situações de ambiguidade e ironia que decorram do ponto de vista do autor ou eu-lírico.**
- Reconhecer a estrutura do soneto e os recursos prosódicos para diferenciá-lo das formas poéticas não fixas.
- **Identificar os recursos expressivos do gênero textual canção, reconhecendo sua relação com a poesia e a música.**

USO DA LÍNGUA

- **Analisar textos simbolistas, identificando recursos ligados à musicalidade.**
- Identificar os efeitos de sentido produzidos pelo emprego de figuras de sintaxe como elipse, anáfora e hipérbato.
- **Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.**
- **Identificar o valor expressivo das interjeições e demais sinais de pontuação.**
- **Identificar os termos acessórios da oração.**

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Produzir paráfrases a partir dos poemas estudados.**
- Musicar poemas parnasianos.
- **Estabelecer comparações entre poemas simbolistas do século XIX e letras de canções contemporâneas**

COMO ENSINAR

Dando prosseguimento à abordagem proposta pelo Currículo Mínimo, estuda-se, neste ciclo, o Simbolismo, estilo de época posterior ao ciclo antirromântico, datado do final do século XIX. Estudar o Simbolismo é contribuir para a recuperação de seu valor estético, vilipendiado pela crítica e pelo público de sua época. Os poetas dessa vertente retomaram questões esquecidas, antes empreendidas pelos românticos, como a subjetividade e a valorização dos sentimentos e das emoções. Isso ocorreu, porque o final do século XIX foi bastante turbulento no Brasil e na Europa.

Ao contrário do que se pensava, o capitalismo e os avanços técnico-científicos não foram capazes de beneficiar toda a população, privilegiando apenas uma pequena elite, de modo que conquistas como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República não propiciaram mudanças efetivas, mantendo o *status quo* de poucos em detrimento de uma maioria oprimida. Sendo assim, o clima otimista que imperava à época das benesses promovidas pela Revolução Industrial foi substituído por um olhar mais reflexivo e pessimista que, obrigatoriamente, necessitava de uma expressão artística.

Guiados pela percepção de que a arte tinha que ser valorizada por ela mesma, sem a necessidade de ser engajada, parnasianos e simbolistas, partilhando o mesmo contexto de produção, questionam o poder da razão e da ciência. Essas estéticas, portanto, opuseram-se à recém formada sociedade tecnocrata e buscaram valorizar o belo da arte. Esses estilos, entretanto, tomaram caminhos distintos, que fizeram do Parnasianismo a arte da elite e do Simbolismo, uma arte marginal.

O desprestígio que acometeu o Simbolismo está filiado ao seu projeto literário, que pretendia sugerir, simbolizar em vez de simplesmente dizer. Ainda que empreendendo um primoroso trabalho linguístico, criando imagens sugestivas, valorizando a sonoridade e as sinestésias, os simbolistas não conseguiram despertar o gosto do público da época, ainda apegado aos valores parnasianos.

Outro aspecto a ser ressaltado é a preocupação com a forma. Entre os recursos utilizados no Simbolismo, a musicalidade foi essencial para a exploração “do poder

encantatório, sonoro do código, afastando-se do aspecto lógico da palavra”¹. É por essa razão que podemos relacionar esse estilo de época ao gênero textual canção. Em ambos, observa-se tanto a preocupação com a sonoridade quanto a exploração de recursos estilísticos como a sinestesia, a sugestão e a reiteração enfática.

Desse modo, buscando resgatar a importância dessa estética, apresentaremos duas sequências didáticas que, além de sintetizar as principais características do Simbolismo, permitirão ampliar o repertório cultural do aluno e evidenciar a relação entre esse estilo de época e o gênero “canção”.

Sequência didática 1: A poesia no Simbolismo

Os três descritores agrupados nesta primeira sequência, dois referentes à *Leitura* e um referente ao *Uso da língua*, permitem a apresentação da estética simbolista a partir de suas principais características: a postura pessimista e subjetiva frente à realidade, observadas pela criação de imagens sugestivas. A sequência está organizada em quatro passos.

Eixo Leitura:

- Reconhecer na estética simbolista traços da tendência pessimista do “fim do século”.

Eixo Uso da Língua:

- Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.

- Identificar os termos acessórios da oração.

PASSO 1: APRESENTAR A BASE DO PROJETO LITERÁRIO SIMBOLISTA: A DESCRENÇA NA RAZÃO

Ao final do século XIX, o progresso e a transformação do espaço urbano se mostraram incapazes de promover reais mudanças na sociedade, beneficiando apenas uma pequena parte da população. Sendo assim, instaurou-se um clima de descrença e pessimismo que abriu espaço para a arte se voltar para ela mesma, apartando-se da realidade objetiva e centrando-se na realidade subjetiva. Na literatura, os poetas

¹ RODRIGUES, Nelson Antônio Dutra. **Os estilos literários e as letras de música popular brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003, p. 99.

simbolistas utilizaram uma linguagem extremamente abstrata, que mais sugeria do que dizia.

Certamente, esse traço de subjetividade se torna uma barreira entre os estudantes do Ensino Médio e o Simbolismo. Por isso, é necessário iniciar a apresentação dessa poética por meio de estratégias que possam aproximar os alunos e despertar seu interesse.

Para mostrar a descrença na razão, motivada por um profundo descontentamento com os supostos avanços que inundaram a sociedade ao final do século XIX, é possível exibir o vídeo “Mito da Caverna”², uma versão em história em quadrinhos para o célebre mito criado pelo filósofo Platão. Segundo o mito original, em uma caverna, vivem prisioneiros cuja única forma de contato com o mundo exterior é através das sombras projetadas nas paredes pela luz de uma fogueira. Quando finalmente libertos, os ex-prisioneiros maravilham-se com o real, com a verdade, com um mundo tangível e palpável ao qual não tinham acesso³. No entanto, tendo vivido desde o nascimento na escuridão, esses seres têm dificuldade para se habituar à luz, ao mundo real.

É importante destacar para os alunos que a caverna e a consequente privação de luz simbolizam a ausência de conhecimento. Para Platão, tal como os prisioneiros em sua alegoria, os seres humanos não teriam condições de acessar a verdade. Todos seriam iludidos por seus sentidos. Como ocorreria na caverna, visão, tato, audição, olfato e paladar permitiriam ao homem apenas o contato com sombras, meras projeções da essência de todas as coisas. O sol, ao contrário, visto somente depois da saída da caverna, representa o saber, o conhecimento da essência. Esse saber, que ilumina alguns, não chega a outros, que permanecem no interior, felizes e descrentes da verdade exterior à caverna.

Na poesia, os simbolistas também questionam as sombras e as projeções representadas pelo progresso do final do século XIX. Nesse contexto, a saída encontrada

² O vídeo (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LWJfYp4tBQU>) também pode ser acessado a partir da plataforma digital deste curso.

³ Se desejar, o professor também pode mostrar à sua turma o vídeo “Ser ou não ser – Platão, O mito da caverna”, da série apresentada pela filósofa e psicanalista Viviane Mosé para o programa *Fantástico*. O vídeo (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ei-kSPL4Lg4>), também presente em nossa plataforma, pode auxiliar a explicação sobre a famosa alegoria platônica.

pela arte foi lidar com essa realidade de outra forma, com um olhar pessimista e reflexivo⁴. Certamente, a partir dos aspectos levantados com auxílio do vídeo, os alunos estarão melhor preparados para imergir no universo criado por esse estilo de época.

Assim, o objetivo dessa atividade é mostrar como o Simbolismo, evidenciando pontos de contato com o mito, representou a reflexão crítica sobre a razão e a realidade na literatura. Como o foco não é o aprofundamento de conceitos filosóficos, a história em quadrinhos funciona como um meio lúdico de chamar a atenção dos alunos para esse novo universo no qual irão adentrar.

PASSO 2: IDENTIFICAR AS DIFERENTES FORMAS DE IMPRESSÃO DO REAL: SIMBOLISMO E IMPRESSIONISMO

Após o entendimento dos preceitos básicos do Simbolismo, é vital que os alunos tenham contato com o texto, percebendo como a linguagem, caleidoscópica e significativa, visa à captação da essência humana, da realidade intuitiva, indo muito além, portanto, do subjetivismo egocêntrico e idealizador do poeta romântico. Sem dúvida, será bem mais fácil para um aluno de Ensino Médio perceber a sugestão primeiro nas artes plásticas e depois na literatura.

O professor pode mostrar aos alunos duas imagens da Catedral de Rouen, na França, e pedir que os alunos verifiquem qual delas é mais direta, objetiva em sua Forma de representação, e qual delas, mais influenciada pelo olhar de quem a captou.

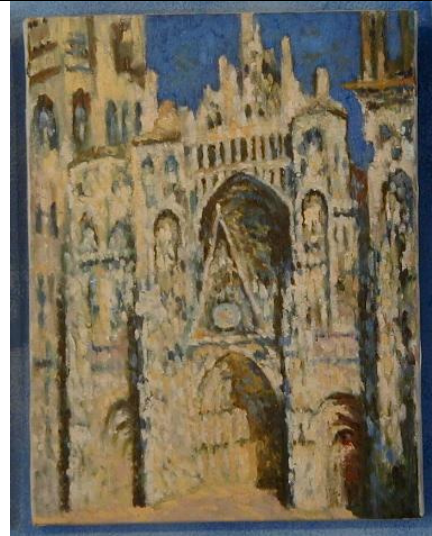
⁴ O pessimismo, motivado pelo descrédito da racionalidade humana, foi representado pela recorrência de elementos que remetiam ao vago, ao impreciso. Nesse sentido, a poética simbolista conseguia se contrapor à postura racional, marcada pela clareza, objetividade e exatidão. Mas como representar o vago? A resposta dos poetas simbolistas está na criação de imagens sugestivas, como aquelas proporcionadas pelas mesclas inovadoras de sentidos, as sinestesias. É por isso que, a despeito de se preocupar com a essência, o Simbolismo explorou tanto os sentidos humanos, considerados enganadores por Platão.

A catedral de Rouen, na França



Fotografia da Catedral

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Profile_Cathedrale_de_Rouen.jpg



A catedral de Rouen (1893), de Claude Monet

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claude_Monet_033.jpg

O professor pode evidenciar essa relação a partir da leitura do poema “A catedral”, de Alphonsus de Guimaraens, e a posterior análise conjunta do texto e das imagens.

A CATEDRAL, de Alphonsus de Guimaraens	Alguns pontos em destaque
<p>Entre brumas, ao longe, surge a aurora, O hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu risonho Toda branca de sol.</p>	<p>O texto se inicia descrevendo a localização da catedral de forma bastante imprecisa (“brumas”, “longe”, “evapora”, “sonho”, “céu”). As palavras “orvalho” e “aurora” remetem ao período da manhã.</p>
<p>E o sino canta em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>O eu-lírico menciona a tristeza de seu canto, relacionando-o ao espaço descrito (são os sinos da catedral que lamentam por ele)</p>

<p>O astro glorioso segue a eterna estrada. Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus olhos tão cansados ponho, Recebe a benção de Jesus.</p>	<p>É importante destacar que, embora as descrições sejam vagas, os tons predominantes são claros, brilhantes. Não se trata, portanto, de um ambiente soturno.</p>
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>A repetição enfática do refrão contrasta com a descrição do ambiente.</p>
<p>Por entre lírios e lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Põe-se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar.</p>	<p>Continuando a ideia do passar do tempo, a tarde já está indo embora; por isso, a cor também muda: passa do lilás ao branco de luar. Anoitece.</p>
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>O sino permanece clamando pelo eu-lírico.</p>
<p>O céu é todo trevas: o vento uiva. Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem acoitar o rosto meu. A catedral ebúrnea do meu sonho Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro que já morreu.</p>	<p>Finalmente, o clima soturno, bem marcado pelos vocábulos “trevas” e “uiva” e “medonho”. A imagem da catedral confunde-se com a do céu, como se estivesse se desfazendo, “morreu”. O eu-lírico sofre; é açoitado pelo relâmpago.</p>
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>O lamento do refrão acompanha todo o poema, como se os sinos já previssem o que iria acontecer.</p>

A apreciação das imagens das catedrais certamente ratificará as diferenças entre dizer e sugerir. É importante ainda destacar que o “dizer” envolve uma interlocução direta, pautada por uma realidade objetiva e partilhada pelos interlocutores, ao passo que a “sugestão” baseia-se em uma realidade subjetiva, sem compromisso com a concretude do real. Contrapondo as imagens, os alunos terão condições de perceber que, na representação fotográfica da catedral de Rouen, a igreja é registrada tal como ela é. Já Monet captou a imagem a partir das impressões e sensações que sua catedral lhe causara.

Isso ocorre porque o Impressionismo, tal como o Simbolismo, foi uma reação artística contra o cientificismo e o materialismo que imperavam na época, defendendo que o artista devesse buscar a essência do ser, o conhecimento intuitivo, a realidade subjetiva. Para alcançar esse fim, o poeta, então, empregou recursos sonoros, como aliterações e assonâncias, e figuras de linguagem, como sinestésias, metáforas e comparações.

A leitura do poema de Alphonsus de Guimaraens corrobora esse modo peculiar de percepção do real, já que a catedral é vista entre sombras e brumas, sempre compondo uma paisagem relacionada ao sonho, ao etéreo. Não há como saber de qual catedral o eu-lírico fala. Informações como a localização e a época permanecem ocultas. Tal como na tela de Monet, o que se destaca são as impressões que a catedral desperta, a maneira como o eu-lírico/o artista a vê.

Não se trata, como os alunos podem vir a pensar, de uma forma de fuga da realidade, mas sim de um jeito particular de interpretá-la, como se simbolistas e impressionistas vissem o mundo “de dentro para fora”. Chamar a atenção para esse aspecto é fundamental para que a visão simbolista não se confunda como uma forma de escapismo, visto que o objetivo era captar o real de outra forma, metafísica e espiritualmente, e não sentimental.

Outra possibilidade de trabalho é solicitar aos alunos que façam como Monet: escolham um lugar e o retratem de forma impressionista, ou seja, sem contornos e traços precisos, destacando a sensação que esse ambiente lhe passa. Se o professor julgar viável, para facilitar, pode mostrar aos alunos outras telas de Monet e de outros

impressionistas, como Renoir, Van Gogh, entre outros⁵. Como alternativa, no lugar dos desenhos, é possível a utilização de máquinas digitais e o recurso de embaçamento das fotos. Para finalizar, o professor pode propor que os alunos troquem suas produções, criando um espaço oportuno e bastante eficaz para a leitura de imagens. Nesse momento, eles comentam o que veem na imagem produzida pelo outro.

PASSO 3: VERIFICAR A RELAÇÃO ENTRE O SIMBOLISMO E A CRIAÇÃO DE IMAGENS SUGESTIVAS

Após a compreensão do projeto literário simbolista, é importante examinar um dos procedimentos utilizados pelos poetas para retratar a realidade de forma tão subjetiva: a criação de imagens sugestivas. Os simbolistas estavam preocupados em representar a realidade transcendental, a alma, os elementos místicos, o espiritualismo. Daí, o apelo às imagens sugestivas, obtidas por meio da valorização da sonoridade e da sinestesia. Nessa poética, a linguagem tenta transformar o concreto e palpável em abstrato e fantasioso.

Para introduzir esse passo, o professor pode apresentar o vídeo de mímica “O menino e o pássaro”⁶ sem, no entanto, mencionar seu título. A ideia é que a turma, exclusivamente por meio da performance do artista Josué Soares, identifique de que história se trata.

O vídeo permitirá aos alunos a reflexão sobre a importância dos gestos e da expressão facial do artista, que, aliados à trilha sonora, desenvolvem uma narrativa completa – a história de um menino que, de algoz, tornou-se amigo dos pássaros. Repleta de ternura e emoção, a melodia é muito mais do que um detalhe em cena: atua como uma espécie de narrador, pontuando as ações e sentimentos do menino ao longo da narrativa e despertando várias emoções nos espectadores. No Simbolismo, é

⁵ É possível encontrar mais informações e reproduções de telas de outros artistas impressionistas nos seguintes sites: “História da Arte” (<http://www.historiadaarte.com.br/linha/impressionismo.html>) e “Maguetas” (<http://www.maguetas.com.br/impressionismo/vangogh/>).

⁶ O vídeo, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MrRm8ISRr58>, também está na plataforma digital de nosso curso.

exatamente isso que ocorre, porém a matéria-prima é outra: o poeta lida com palavras, moldando-as segundo os efeitos que deseja provocar.

Se achar oportuno, o professor pode pedir que os alunos, em grupos ou individualmente, produzam um texto narrativo sobre a história apresentada pelo mímico, tarefa em que será possível comprovar a poder da sugestão. Depois, cada grupo pode ler o que escreveu e, no processo de comparação, certamente será possível constatar que, mesmo diferentes entre si, todos os textos conservam a ideia básica da relação entre o menino e o pássaro.

Na sequência, é importante retornar ao poema “A catedral” para identificar os recursos responsáveis pela criação de imagens sugestivas. Com a turma, o professor pode construir um quadro semelhante a este:

A CATEDRAL, de Alphonsus de Guimaraens	Alguns recursos em destaque
<p>Entre brumas, ao longe, surge a aurora, O hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu risonho Toda branca de sol.</p>	<p>Personificação: “Agoniza o arrebol.” e “Aparece na paz do céu risonho”. Destaca-se, também, a assonância da vogal “a”, que se associa à ideia de manhã e contribui para a musicalidade.</p>
<p>E o sino canta em lúgubres resposos: “Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”</p>	<p>O refrão é um recurso de musicalidade bastante eficaz, mais comum nas canções do que nos poemas, o que reforça a ligação entre o Simbolismo e a música.</p>
<p>O astro glorioso segue a eterna estrada. Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus olhos tão cansados ponho,</p>	<p>As rimas, presentes em todas as estrofes, e a aliteração da consoante “r” no terceiro verso (reforçando a ideia de que se trata de algo glorioso) conferem ritmo ao texto.</p>

<p>Recebe a benção de Jesus.</p>	
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>A repetição enfática do refrão contrasta com a descrição do ambiente.</p>
<p>Por entre lírios e lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Poe-se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar.</p>	<p>A aliteração do som de “s” contribui para a ideia do entardecer. Já a personificação “céu tristonho”, ao lado da catedral branca de luar, cria uma bonita imagem.</p>
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>Além do ritmo, é possível chamar atenção para a seleção vocabular: o sino não “pede”, ele “clama”.</p>
<p>O céu é todo trevas: o vento uiva. Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem acoitar o rosto meu. A catedral ebúrnea do meu sonho Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro que já morreu.</p>	<p>Nos três primeiros versos, a aliteração do “v” realça a ideia da ventania, do ambiente soturno que se instalou.</p>
<p>E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"</p>	<p>Se entendermos “lúgubre” como um sinônimo de escuro, temos aí um belo exemplar de sinestesia, já que a imagem do sino corresponde a uma referência auditiva.</p>

PASSO 4: RECONHECER OS TERMOS ACESSÓRIOS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O SIMBOLISMO

O estudo da gramática só se efetiva quando não desvinculado do texto, isto é, quando os elementos gramaticais são analisados em função do contexto em que aparecem, levando em consideração os efeitos que provocam. Sendo assim, a análise dos termos acessórios da oração também se revela importante para a caracterização da estética literária.

Se, no Parnasianismo, o objetivo desses termos era ornamentar o poema, torná-lo belo e perfeito, pormenorizando o objeto descrito, no Simbolismo, eles cumprem a função de qualificar os seres de modo vago e impreciso, conforme os princípios da poética. Dessa forma, esses termos contribuem ativamente na construção das imagens sugestivas.

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO (exemplos retirados de “A catedral”)		
ADJUNTO ADNOMINAL	SUA FUNÇÃO É ACOMPANHAR O SUBSTANTIVO PARA DETERMINÁ-LO, CARACTERIZÁ-LO OU INDIVIDUALIZÁ-LO.	“O astro glorioso segue a eterna estrada”
ADJUNTO ADVERBIAL	TERMO QUE SE REFERE AO VERBO, AO ADJETIVO OU AO ADVÉRBIO PARA EXPRESSAR UMA CIRCUNSTÂNCIA.	“ Entre brumas, ao longe , surge a aurora”
APOSTO	SUA FUNÇÃO É EXPLICAR, ESCLARECER, RESUMIR OU COMENTAR ALGUM TERMO DA ORAÇÃO.	_____

Revisar os termos acessórios com os alunos é uma etapa fundamental, pois esses conceitos podem ter-se diluído com o tempo. No entanto, é preciso verificar essas ocorrências no poema a fim de que sua importância para o Simbolismo seja compreendida. Por isso, dividir os termos por cores pode facilitar tanto a visualização

quanto a identificação de sua importância. No caso do poema “A Catedral”, não há ocorrência de aposto, o que não invalida a tarefa, uma vez que os demais termos aparecem em demasia, sobretudo os adjuntos adnominais. Em atividades posteriores, se julgar conveniente, o professor pode apresentar outros poemas aos alunos e verificar a ocorrência do aposto.

Outro aspecto importante diz respeito aos efeitos que esses termos provocam no texto. Para atestar essa importância, o professor pode sugerir que um aluno leia o texto suprimindo os acessórios. Embora não perca o sentido totalmente, a tônica simbolista se descaracteriza por completo, pois a catedral e sua ambientação perderão o caráter impreciso, permanecendo apenas os substantivos, logicamente identificáveis por qualquer pessoa. Será possível perceber, então, que o poeta simbolista obtém o mesmo efeito dos pintores impressionistas por meio dessa caracterização.

Ao final desta primeira sequência, importa verificar se o aluno é capaz de relacionar o contexto histórico no qual se desenvolve a estética simbolista a certos traços observados na poesia desse período, como, por exemplo, o misticismo, o espiritualismo, o subjetivismo, o desejo de transcendência e o pessimismo. Além disso, cumpre avaliar, a partir da análise e interpretação de poemas, se os alunos reconhecem a ambiguidade como um importante recurso de construção semântica. Além disso, as figuras de linguagem, fundamentais para as imagens sugestivas tão características do estilo, também devem ser verificadas.

Sequência didática 2: A canção e a poesia simbolista

Nesta segunda sequência didática, foram agrupadas duas habilidades do eixo *Leitura* e duas referentes ao eixo *Uso da língua*. Esses descritores reunidos permitem a apresentação do gênero textual “canção” e sua relação com a poesia simbolista. A sequência está organizada em quatro passos.

Eixo Leitura:

- *Identificar os recursos expressivos do gênero textual canção, reconhecendo sua relação com a poesia e a música.*
- *Reconhecer situações de ambiguidade e ironia que decorram do ponto de vista do autor ou eu-lírico.*

Eixo Uso da Língua:

- Analisar textos simbolistas, identificando recursos ligados à musicalidade.
- Identificar o valor expressivo das interjeições e demais sinais de pontuação.

PASSO 1: IDENTIFICAR OS RECURSOS EXPRESSIVOS DO GÊNERO TEXTUAL “CANÇÃO”, RECONHECENDO SUA RELAÇÃO COM A POESIA

É possível iniciar a abordagem do gênero textual “canção” por intermédio de uma estratégia bastante simples e geralmente bem recebida pelos alunos: ouvir canções.

Para apresentar esse gênero, o professor pode lançar mão da seguinte dinâmica:

Canção e poesia	
1º momento	<u>Apresentar canções e seus recursos expressivos</u> Selecionar a letra de uma canção em que seja possível identificar facilmente o trabalho com os recursos da linguagem como: figuras de sonoridade, imagens sinestésicas e reiteraões enfáticas. ⁷
2º momento	<u>Reconhecer os recursos expressivos vistos nas canções em poesias</u> Apresentar aos alunos poesias e pedir para que reconheçam, nos poemas, alguns recursos expressivos mostrados anteriormente nas canções.

A partir das letras das canções, é possível acionar o repertório histórico, cultural, social e linguístico dos alunos⁸. No entanto, trabalhar apenas com essas letras deixa a

⁷ Compositores como Nando Reis, Zeca Baleiro, Lenine, Arnaldo Antunes e Chico Buarque apresentam um riquíssimo repertório musical com muitos recursos expressivos.

atividade limitada. Por isso, é muito importante ouvir a canção e, assim, chamar a atenção dos alunos para recursos sonoros, como assonâncias, aliterações e as próprias rimas. O professor pode, ainda, apresentar o videoclipe da canção ou das canções escolhidas.

Para ilustrar esse passo, segue o exemplo de uma canção de Nando Reis com o destaque de alguns recursos expressivos nela encontrados.

Recursos expressivos em “O segundo sol”, de Nando Reis	
<p>Quando o segundo sol chegar Para realinhar as órbitas dos planetas Derrubando com assombro exemplar O que os astrônomos diriam Se tratar de um outro cometa</p> <p>Quando o segundo sol chegar Para realinhar as órbitas dos planetas Derrubando com assombro exemplar O que os astrônomos diriam Se tratar de um outro cometa</p> <p>Não digo que não me surpreendi Antes que eu visse você disse E eu não pude acreditar Mas você pode ter certeza</p> <p>De que seu telefone irá tocar Em sua nova casa</p>	<p>Rimas entre as palavras “chegar/exemplar”, “planetas/cometa”.</p> <p>Entre as palavras “disse” e “visse”, há repetição por homeoteleuto, que é a repetição no final de palavras próximas. Também há uma aliteração: a repetição da consoante /v/, em “visse/você”.</p>

⁸ Com o objetivo de tornar essa atividade ainda mais interessante para os alunos, o professor pode partir de um gênero musical do qual eles gostam muito: o rap. Para isso, os seguintes sites podem ser úteis:

- a) <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/mc-machado-de-assis/>;
- b) <http://www.diadema.sp.gov.br/cidadao/noticias/6741-manual-de-literatura-en-cantada-sera-lancado-sabado-30-com-show-no-teatro-clara-nunes.html>;
- c) <http://recantoadormecido.com.br/2012/06/27/manual-da-literatura-encantada-sobe-ao-palco-do-teatro-clara-nunes-para-cantar-classicos-e-contemporaneos-da-literatura-brasileira/>;
- d) <http://literaturaencantada.com.br/>;
- e)

<p><u>Que abriga agora a trilha</u> Incluída nessa minha conversão</p> <p>Eu só queria te contar Que eu fui lá fora E vi dois sóis num dia</p> <p><u>E a vida que ardia</u> sem explicação</p> <p>Quando o segundo sol chegar Para realinhar as órbitas dos planetas Derrubando com assombro exemplar O que os astrônomos diriam Se tratar de um outro cometa</p> <p>Não digo que não me surpreendi Antes que eu visse, você disse E eu não pude acreditar Mas você pode ter certeza</p> <p><u>De que seu telefone irá tocar</u> Em sua nova casa Que abriga agora a trilha Incluída nessa minha conversão</p> <p>Eu só queria te contar Que eu fui lá fora E vi dois sóis num dia E a vida que ardia sem explicação</p> <p><u>Seu telefone irá tocar</u> Em sua nova casa Que abriga agora a trilha Incluída nessa minha conversão</p> <p>Eu só queria te contar Que eu fui lá fora E vi dois sóis num dia E a vida que ardia sem explicação</p> <p><u>Explicação, não tem explicação</u></p>	<p>Encontramos aliteração entre os fonemas /r/ (em “abriga/agora/trilha”) e assonância da vogal /a/.</p> <p>Em “E a vida que ardia”, encontramos assonância (repetição da vogal /a/), além de uma sugestiva imagem gerada pela figura da metáfora.</p> <p>Repetição estrutural por paralelismo (repetição de estruturas oracionais preenchidas com itens lexicais diferentes) nos primeiros versos das estrofes 8 e 10: “De que seu telefone irá tocar” para “Seu telefone irá tocar”.</p> <p>Reiteraões enfáticas por toda estrofe.</p>
---	--

<p><u>Explicação, não</u></p> <p><u>Não tem explicação</u></p> <p><u>Explicação, não tem</u></p> <p><u>Não tem explicação</u></p> <p>Explicação, não tem</p> <p>Explicação, não tem</p> <p>Não tem</p>	<p>Epanalepse (repetição do vocábulo inicial da oração no fim dela) no primeiro verso.</p> <p>Concatenação (palavra final de cada oração, repetida no início da oração seguinte, em cadeia) nos versos 3 a 6. Assim como também há</p> <p>Antimetábole (vocábulo inicial e final de uma oração, repetidos em sentido inverso na oração seguinte).</p>
--	--

É importante perceber que esses recursos expressivos não precisam ser memorizados pelos alunos. Todavia, é importante que, ao ler ou ouvir a canção, o discente possa reconhecer essas estruturas, apontando os recursos mais conhecidos, como rimas, aliterações, assonâncias e paralelismo.

Os recursos expressivos inicialmente apresentados através de canções populares podem ser aprofundados através de quadros esquemáticos que mostrem a ocorrência desses mesmos recursos também na poesia.

A seguir, segue um modelo de comparação entre alguns desses recursos observados na poesia simbolista e em canções contemporâneas:

Quadro comparativo de recursos expressivos: poesia simbolista / canção		
Recurso expressivo	Exemplo de poesia	Exemplo de canção
<p>Sinestesia é a figura de linguagem em que há o cruzamento dos sentidos, a qualidade de um sentido atribuído a outro. Quanto mais sentidos cruzados em apenas um sintagma, ou sob uma única conjunção sensorial, mais rica será a frase ou a poesia sinestésica.</p>	<p><i>E sons soturnos, suspiradas mágoas, <u>mágoas amargas</u> e melancolias, no sussurro monótono das águas, noturnamente, entre ramagens frias.</i></p> <p>Cruz e Souza – Violões que choram</p>	<p><i>Alga marinha, vá Na maresia Buscar ali Um <u>cheiro de azul...</u></i></p> <p>Djavan – Azul</p>
<p>Aliteração é a figura sonora que é formada pela repetição de sons</p>	<p><i>Vozes <u>veladas</u>, <u>veludosas</u> vozes, <u>volúpias</u> dos <u>violões</u>, <u>vozes veladas</u>,</i></p>	<p><i>É que o <u>curupira</u> <u>pirou</u> O <u>curupira</u> <u>virou</u> o <u>pirão</u></i></p>

consonantais.	<p><i>vagam nos <u>v</u>elhos <u>y</u>órtices <u>v</u>elozes dos <u>v</u>entos, <u>v</u>ivas, <u>v</u>ãs, <u>v</u>ulcanizadas.</i></p> <p>Cruz e Souza – Violões que choram</p>	<p><i>O <u>curupira</u> <u>pirou</u> de paixão</i></p> <p>Lenine – O curupira pirou</p>
<p>Assonância é a figura sonora formada por palavras que repetem os sons vocálicos.</p>	<p><i>Manhã de prim<u>a</u>vera. Quem não pensa Em doce <u>a</u>mor, e quem não <u>a</u>mará? Começa <u>a</u> vida. A luz do céu é imensa... <u>A</u> adolescê<u>nc</u>ia é toda <u>s</u>onhos. <u>A</u>.</i></p> <p>Alphonsus de Guimaraens – AEIOU</p>	<p><i>h<u>o</u>mem é o <u>o</u>nome do tro<u>ç</u>o o<u>ss</u>o é o <u>o</u>nome do f<u>ó</u>ssil c<u>o</u>r<u>p</u>o é o <u>o</u>nome do m<u>o</u>rto h<u>o</u>mem é o <u>o</u>nome do <u>o</u>utro</i></p> <p>Arnaldo Antunes – Nome</p>
<p>Homeoteleuto é a repetição que compreende na repetição final de palavras próximas.</p>	<p><i>Quando os sons dos violões vão soluçando, quando os sons dos violões nas cordas gemem, e vão <u>dilacerando e deliciando</u>, rasgando as almas que nas sombras tremem.</i></p> <p>Cruz e Souza - Violões que choram</p>	<p><i>Sophia Você é a própria novidade Que atualiza o que te cerca O sangue que passeia na avenida <u>Ida e vinda, veia e artéria</u></i></p> <p>Nando Reis – Só pra só</p>
<p>Rima é a repetição morfológica no final de versos.</p>	<p><i>Tudo se veste de uma igual grandeza (A) Quando a alma entre grilhões as liberd<u>ades</u> (B) Sonha e, sonhando, as imortalid<u>ades</u> (B) Rasga no etéreo Espaço da Pureza. (A)</i></p> <p>Cruz e Souza – Cárcere das almas</p>	<p><i>Tudo silencia, ouço só meu <u>coração</u> A rua acaba e meus sonhos <u>vão</u> Piso na poça, uma moça estende a <u>mão</u> Meus olhos brilham, vejo o céu no <u>chão</u>.</i></p> <p>Lenine – Flores no asfalto</p>
<p>Anáfora é a repetição monossintagmática no início de cada oração.</p>	<p><i>Tardes formosíssimas, Ó grande livro aberto aos geniais artistas, <u>Como tanto</u> alargais as crenças panteístas, <u>Como tanto</u> esplendeis e como sois riquíssimas.</i></p> <p>Cruz e Souza – O botão da rosa</p>	<p><i><u>E em cada</u> beijo seu <u>E em cada</u> estrela do céu <u>E em cada</u> flor no campo <u>E em cada</u> letra no papel</i></p> <p>Nando Reis – Relicário</p>

PASSO 2: ANALISAR TEXTOS SIMBOLISTAS, IDENTIFICANDO RECURSOS LIGADOS À MUSICALIDADE

No segundo passo desta sequência didática, é interessante que o aluno continue mantendo contato com os recursos expressivos do gênero textual “canção” e a musicalidade presente na estética simbolista.

Mesmo que não seja possível encontrar todos os recursos ligados à musicalidade nas poesias simbolistas, é importante ressaltar que esse é um traço fundamental no Simbolismo, como destacou um dos mestres dessa corrente literária, [Paul Verlaine](#), segundo o ensinamento de seu poema "Art Poétique":

Verso: "De la musique avant toute chose..."
Tradução: "A música antes de mais nada..."

Essa musicalidade, proporcionada pelas rimas, aliterações, assonâncias e repetições, foi bem explorada no primeiro passo desta sequência didática, com o intuito de, num segundo momento, o aluno poder ter mais facilidade de relacionar esses recursos expressivos com as poesias.

Para que esse trabalho com a musicalidade seja mais efetivo, os alunos podem, a partir de um único poema simbolista, sublinhar, envolver, marcar as palavras, expressões, sintagmas, versos ou até estrofes em que a sonoridade se destaque.

Como ilustração, segue uma sugestão de dinâmica parecida com a desenvolvida com a canção de Nando Reis, do primeiro passo. Desta vez, porém, a análise é de um poema de Alphonsus de Guimaraens.

TERCEIRA DOR, de Alphonsus de Guimaraens	
É <u>S</u> ião que dorme ao luar. <u>V</u> ozes diletas Modulam <u>s</u> almos de <u>v</u> isões contritas... E a <u>s</u> ombra <u>s</u> acrossanta dos Profetas Melancoliza o canto dos <u>l</u> evitas.	<i>Além das rimas presentes em todas as estrofes do poema, na primeira temos aliterações formadas pelas consoantes /v/ e /s/.</i>

<p>As <u>torres</u> brancas, terminando em <u>setas</u>, Onde velam, nas noites infinitas, Mil guerreiros sombrios como ascetas, Erguem ao Céu as cúpulas benditas.</p> <p>As virgens de Israel as negras <u>comas</u> Aromalizam com os unguentos <u>brancos</u> Dos nigromantes de mortais <u>aromas</u>...</p> <p>Jerusalém, em meio às Doze <u>Portas</u>, Dorme: e o luar que lhe vem beijar os <u>flancos</u> Evoca ruínas de cidades <u>mortas</u>.</p>	<p><i>Nesse verso, temos aliteração formada pela letra /t/.</i></p> <p><i>Entre os vocábulos sublinhados das últimas estrofes temos, além da rima, assonância com a repetição da penúltima sílaba tônicas nas palavras: comas e aromas; brancos e flancos; portas e mortas.</i></p>
---	--

É possível, portanto, estabelecer uma relação entre os dois primeiros passos, pois ambos abordam os recursos expressivos presentes nas canções e nos textos simbolistas, no que tange à musicalidade / sonoridade. Isso tende a facilitar a aprendizagem do aluno ao estabelecer aproximações entre os gêneros “canção” e “poesia”.

PASSO 3: IDENTIFICAR O VALOR EXPRESSIVO DAS INTERJEIÇÕES E DEMAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

No terceiro passo desta sequência didática, os aspectos gramaticais das canções e dos poemas simbolistas ganham uma atenção especial, com o intuito de ampliar, um pouco mais diretamente, a habilidade de Uso da língua e, indiretamente, a habilidade de Leitura.

O descritor que solicita do aluno a identificação do valor expressivo das interjeições e demais sinais de pontuação pode ser trabalhado em sala de aula de maneira bem simples e muito produtiva. Novamente com o auxílio de quadros esquemáticos, os alunos observarão a interpretação dos versos de acordo com as interjeições e com os sinais de pontuação dispostos intencionalmente nas canções e poemas.

Para exemplificar essa dinâmica, segue o esquema:

1º momento	O professor pode retirar as interjeições e as marcas de pontuação de um poema ou canção e, em seguida, apresentar o texto modificado para a leitura dos alunos.
2º momento	Depois, o professor mostra o texto completo e solicita nova leitura à turma. A pronúncia das interjeições, as pausas e as modalidades frasais de afirmação, interrogação e exclamação determinarão outra leitura.
3º momento	O professor, então, pode destacar os efeitos das interjeições e dos sinais de pontuação no texto escolhido.
4º momento	Ao final, o professor pode apresentar diferentes tipos de interjeição, evidenciando que, mesmo palavras de sentido pleno, como verbos e substantivos, podem ser usados em alguns contextos como interjeição. É o caso de Viva!, Bravo! Etc.

Para ilustrar melhor essa dinâmica, segue um quadro com alguns exemplos de frases em que as interjeições e os sinais de pontuação têm valor expressivo importante na interpretação da canção ou do poema:

<p><i>Sai desce anonimato, <u>Curupira</u></i> <i>Não é pra você, <u>menino</u></i> <i>Que tem os pés virados, <u>Curupira</u></i> Lenine – O Curupira pirou</p>	<p>As vírgulas, antes dos últimos substantivos de cada verso, servem para destacar o vocativo e auxiliam numa possível interlocução do eu-lírico com os personagens criados na canção.</p>
<p><i><u>Ah!</u> plangentes violões dormentes, mornos, soluços ao luar, choros ao vento...</i> <i>Tristes perfis, os mais vagos contornos, bocas murmurejantes de lamento.</i> Cruz e Souza – Violões que choram</p>	<p>A interjeição sublinhada aumenta a carga expressiva do verso, destacando um alto valor emotivo maior do eu-lírico.</p>

<p><u>Eê</u>, língua de macaco ê, <u>Eê</u>, perna de serpente ê. Arnaldo Antunes – Estranheza</p>	<p>As interjeições sublinhadas são simples sons vocálicos que facilitam no arranjo musical da canção.</p>
<p><i>Nesses silêncios solitários, graves, Que chaveiro do Céu possui as chaves <u>Para abrir-vos as portas do Mistério?!</u></i> Cruz e Souza – Cárceres das almas</p>	<p>O último verso do poema de Cruz e Souza termina com uma interrogação e exclamação, o que gera espanto e promove a reflexão no leitor.</p>

PASSO 4: RECONHECER SITUAÇÕES DE AMBIGUIDADE E IRONIA QUE DECORRAM DO PONTO DE VISTA DO AUTOR OU EU-LÍRICO

A habilidade a ser trabalhada, no passo quatro, tem importância significativa, principalmente no gênero textual “canção”, uma vez que as ambiguidades e ironias permeiam a Música Popular Brasileira em toda a sua trajetória.

Vale destacar que, em períodos como a ditadura militar, a censura, muitas vezes, era burlada pela riqueza desses dois recursos semânticos. Muitas letras, porém, foram vetadas justamente por proporcionarem ambiguidades consideradas “ofensivas” para o regime da época.

Considerando que, na poesia, os vocábulos também podem proporcionar situações ambíguas e irônicas, essa habilidade pode igualmente ser explorada nos poemas simbolistas estudados neste ciclo. É inegável, contudo, que essa estética literária não apresenta tantos recursos irônicos como na poética modernista, por exemplo. Na poesia da estética simbolista, há o que chamamos de vaguidão ou vacuidade, cujo sentido está relacionado ao estado de abstração, imprecisão dos sentimentos do eu-lírico. Esse estado, muitas vezes, pode proporcionar certa ambiguidade ao poema.

Como reconhecer situações de ambiguidade e ironia é uma habilidade que demanda certo repertório cultural do leitor, talvez alguns alunos não consigam distinguir imediatamente esses recursos nos poemas e canções apresentadas. Assim,

para facilitar a ampliação dessa habilidade, é aconselhável que o professor inicie a análise de uma seleção prévia de textos, com exemplos que envolvam esses recursos.

<p>Vaguidão: qualidade ou estado de vago, impreciso.</p>	<p><i>Ah! Por estes sinfônicos ocasos a terra exala aromas de áureos vasos, Incensos de turbulos divinos</i> Cruz e Souza – Sinfonias do ocaso</p>	<p>Observe o estado vago, impreciso da visão do eu-lírico frente à terra.</p>
<p>Ambiguidade ou anfibologia: característica de alguns termos, expressões, sentenças que expressam mais de uma acepção ou entendimento possível, muito utilizado na linguagem poética ou literária.</p>	<p><i>Pai! Afasta de mim esse cálice Pai! Afasta de mim esse cálice Pai! Afasta de mim esse cálice De vinho tinto de sangue</i> Chico Buarque – Cálice</p>	<p>Nessa letra de música, o eu-lírico utiliza a expressão “esse cálice” para, além de dar o sentido bíblico de afastar o cálice, o sangue que representa a morte de Jesus Cristo, fazer crítica aos órgãos censores da ditadura. A pronúncia do verso, repetido 3 vezes se parece com “afasta de mim e cale-se”.</p>
<p>Ironia: modo de exprimir-se em que se diz o contrário do que se pensa ou sente. É um contraste intencional para gerar um escárnio.</p>	<p><i>Hoje o herói aguenta o peso Das compras do mês No telhado, ajeitando A antena da tevê Acordado a noite inteira Pra ninar bebê...</i> Jorge Vercilo – Homem Aranha</p>	<p>A ironia pode ser percebida através da figura do herói, que é associada a grandes feitos. Nesta canção, porém, esse mesmo herói tem como desafio enfrentar situações banais, cotidianas, comuns a um mero mortal.</p>

No tratamento da ironia, é importante lembrar que esse recurso discursivo não tem somente uma definição, ou seja, sua conceituação é movediça e difícil de ilustrar somente com um trecho de música, uma estrofe de poema ou mesmo um parágrafo de uma narrativa. Em muitos textos, como a crônica, o conto e o romance, às vezes, todo o conjunto tem intenções irônicas. Também vale lembrar que, para o leitor perceber a ironia, é necessário que o autor estabeleça uma relação, um pacto, entre os

conhecimentos partilhados pelos interlocutores. Portanto, quando o aluno não entende a ironia, ele não é menos habilidoso do aquele que entendeu. Nesse caso, talvez simplesmente falte ao aluno o conhecimento prévio para captar a ironia no discurso apresentado. Torna-se necessário, portanto, esse cuidado na seleção dos textos para ilustrar a ironia.

A partir desses exemplos bem simples, os alunos podem ser convidados a realizar um trabalho em grupo para selecionar canções ou poemas simbolistas, em que sejam notáveis situações de ambiguidade ou ironia.

Depois do trabalho com as sequências didáticas, o professor pode, se julgar necessário, disponibilizar um quadro com a síntese dos principais traços da estética simbolista.

Principais traços da poética simbolista	
Subjetivismo	Ênfase na expressão do eu, tentativa de apreensão dos estados da alma, sondagem do inconsciente e subconsciente.
Pessimismo	Tema da dor da existência, do sofrimento humano e da morte.
Misticismo e espiritualismo	Disposição para a crença no sobrenatural.
Poesia filosófica	Presença do tema da transcendência espiritual, conflito entre matéria e espírito.
Expressão vaga de ideias e emoções	Poesia marcada pela imprecisão e pela sugestão.
Musicalidade	Aproximação entre poesia e música com uso de recursos como aliterações, assonâncias e outras reiteraões fonéticas.

<p>Uso de maiúsculas alegorizantes</p>	<p>Emprego de iniciais maiúsculas com objetivo de dar ênfase a sentimentos, emoções, seres etc.</p>
---	---

Depois da segunda sequência didática, é importante o professor avaliar se o aluno compreende que o gênero “canção” coaduna diferentes recursos expressivos comuns à poesia e à música. É necessário o aluno perceber que o emprego de recursos sonoros (rimas, aliterações, assonâncias etc.) integra o processo criativo de uma canção e que, diferente do que ocorre na poesia, tem a preocupação de harmonizar letra e melodia. Além do aspecto da sonoridade, a turma precisa reconhecer a construção de imagens sugestivas como um importante ponto de contato entre os dois gêneros abordados neste ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

Reconhecer na estética simbolista traços da tendência pessimista do “fim do século”.

Reconhecer situações de ambiguidade e ironia que decorram do ponto de vista do autor ou eu-lírico.

Identificar os recursos expressivos do gênero textual canção, reconhecendo sua relação com a poesia e a música.

Livros teóricos

- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol. 4. *In.*: _____. **Estilos de época: era realista/ era de transição.** 4 ed. rev e atual. São Paulo: Global, 1997, p. 314-488.

Esta obra oferece ao leitor um panorama do Simbolismo, fazendo uma reflexão sobre suas características e sua relação com os movimentos literários. Um exemplo disso está situado na página 321, em que o autor trata do espírito romântico no Simbolismo, da consciência individual, das sensações, do tom idealista e religioso, das atitudes místicas e contrárias à razão, da tendência ao isolamento, da música, do inconsciente, dos símbolos e sugestões.

- _____ . **Introdução à literatura no Brasil**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980, p. 214-215.

Nesse livro, Afrânio Coutinho traça um panorama da literatura brasileira desde o Barroco até o Modernismo, não incluindo o Quinhentismo. Os seis capítulos que constituem esse texto correspondem às introduções escritas para "A Literatura no Brasil", obra em seis volumes na qual Coutinho analisa os estilos literários criteriosamente. No último capítulo, destinado ao Simbolismo, Coutinho também aborda o Impressionismo e o Modernismo. Essa divisão bastante peculiar já nos demonstra sua visão acerca da periodização da literatura brasileira, muito mais centrada nas correspondências estilísticas do que em épocas pré-determinadas.

- COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. *In.*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Esse é um livro de grande valia para os que desejam estudar os gêneros textuais e sua aplicação ao ensino. Inicia-se com uma apresentação teórica excelente e prossegue com artigos dedicados ao estudo de alguns gêneros, sempre levando em conta sua aplicação em sala de aula.

- HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 36.

A autora tem um trabalho bem amplo acerca da ironia e da sua força política no discurso artístico. Toda a obra se desenvolve em torno das possibilidades de perceber, produzir e entender um pouco mais sobre esse recurso textual.

USO DA LÍNGUA

Analisar textos simbolistas, identificando recursos ligados à musicalidade.

Reconhecer o emprego de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.

Identificar o valor expressivo das interjeições e demais sinais de pontuação.

Identificar os termos acessórios da oração.

Livros teóricos

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 263-300.

Esta obra oferece ao leitor um panorama do Simbolismo, abordando características gerais, situação do Simbolismo no Brasil e reflexões de poemas de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

Nas páginas 273 e 274, põe-se em relevo a atenção dada às aliterações, às rimas, às maiúsculas alegorizantes, aos recursos morfológicos, à sinestesia e à metáfora, tão importantes na análise da musicalidade e no reconhecimento de figuras de linguagem na construção de imagens sugestivas.

- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de literatura brasileira: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003, p. 214-228.

De forma resumida e versátil, encontramos o contexto histórico do Simbolismo, suas características, as manifestações artísticas e autores. É interessante a menção ao escritor simbolista Pedro Kilkerry e seu poema “É o silêncio”. Além disso, há questões de vestibular para o leitor estudar a distinção entre o Simbolismo e as outras estéticas. Nas páginas 217 e 218, põe-se em destaque a citação dos recursos sonoros, a declaração do simbolista francês Paul Verlaine “de la musique avant toute chose” (música antes de qualquer coisa), as metáforas e sinestesias na leitura da poesia de Cruz e Souza.

- LEDO, Terezinha de Oliveira. **Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCL, 2003, p.249-253.

De modo sintético, o leitor encontra uma abordagem de Simbolismo que vai desde a publicação da obra “Missal e Broquéis”, de Cruz e Souza, até um quadro que resume esse estilo literário. É recomendável a leitura dos poemas “Antífona”, de Cruz e Souza, e “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens, para uma reflexão sobre as imagens sugeridas e a musicalidade.

- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.149-160.

Nesta obra, há uma abordagem esclarecedora acerca de adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto. Outro aspecto interessante é que os autores usam diversos exemplos literários e situações de uso. Destaca-se a explicação concernente à distinção entre adjunto adnominal e aposto (p. 156).

- BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 439-451; 456-460.

Este livro oferece exemplos do cotidiano sobre os termos acessórios, facilitando a compreensão leitora. Além disso, é exposta uma variedade de ocasiões de uso dos termos. Destacam-se as categorias que sintetizam o uso do aposto explicativo: enumerativo, distributivo e circunstancial, localizadas na página 457.

Livros didáticos

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. p. 254-276.

O segundo volume da coleção aborda a estética simbolista. No capítulo 11 da terceira unidade, são oferecidos vários exemplos de poemas, com análise dos principais traços do Simbolismo. O texto ainda disponibiliza imagens relativas ao Impressionismo e traz várias informações sobre o contexto do final do século XIX.

- CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português**. São Paulo: Ática, 2010. 2 v. p. 179-197.

O capítulo 2 da unidade 5 trata do Simbolismo por meio de propostas de análises de diferentes poemas. O livro destaca os principais autores brasileiros e ainda sugere atividades que relacionam a estética simbolista a outros períodos literários e diferentes manifestações artísticas.

- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995, p. 18-27; 49-50; 234-248.

Com uma linguagem simples e direta, os autores explicam as principais figuras de linguagem com conceitos e exemplos literários e não literários. Em relação à musicalidade, os recursos sonoros são trazidos à tona com letras de música, poemas e exercícios que proporcionam a ideia de construção de imagens. O assunto do Simbolismo é apresentado com ilustrações, conceitos, síntese das características, vida do autor e suas poesias mais marcantes. Além disso, há exercícios que convidam o leitor a uma reflexão na interpretação de imagens sugestivas de poemas simbolistas.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Produzir paráfrases a partir dos poemas estudados.

Estabelecer comparações entre poemas simbolistas do século XIX e letras de canções contemporâneas.

Livro teórico

- RODRIGUES, Nelson Antônio Dutra. **Os estilos literários e as letras de música popular brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

Essa obra é um estudo bastante interessante da relação entre a música e a literatura, pois vai além da análise centrada na linguagem figurada e na composição em versos. O autor consegue explorar aspectos de nosso cancioneiro sob a ótica dos estilos literários e de suas idiossincrasias, sem lugares comuns.